

Milliet apresenta a proposta aos bancos credores

WASHINGTON — Brasil, o maior devedor entre as nações em desenvolvimento, com mais de US\$ 112 milhões, propôs ontem um acordo a seus credores para suspender a moratória unilateral do pagamento dos juros, vigente desde fevereiro passado.

O Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, apresentou a proposta ao Comitê de bancos, liderado pelo Citibank, com mais 14 representantes, que defendem os interesses de 600 credores..

A proposta, segundo dados confidenciais obtido pela agência de notícias EFE, varia desde a sugestão feita no início do mês pelo Ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, e que foram rechaçadas pelos Estados Unidos.

O governo brasileiro propôs aos bancos que aceitem a troca voluntária de uma parte da dívida por bônus oficiais, sem limite nem desconto, em condições que sejam comercialmente atraente s para os credores.

O saldo da dívida, segundo a pro-

posta, seria negociado de maneira convencional.

O Brasil, conforme as informações, está pedindo um crédito de US\$ 7,2 bilhões para financiar pagamentos atrasados e liquidar compromissos até o fim do ano que vem.

Fontes bancárias da capital americana prevêem que um acordo preliminar poderá ser alcançado antes do dia 26 de outubro, data limite dos bancos dos Estados Unidos para o balanço do terceiro trimestre de 1987.

As mesmas fontes prevêem que as negociações serão prolongadas, apesar de um acordo preliminar, porque os credores desejam ter uma visão mais ampla dos rumos da política interna brasileira, antes de tomar qualquer decisão.

No Rio, o executivo de um dos bancos credores, que pediu para não ser identificado, manifestou "relativa confiança" no desfecho das negociações.

O motivo, segundo ele, está nas boas cotações das ações do Citibank, o maior credor do Brasil, e do Manu-

facturers Hanover (outro banco credor), lançadas recentemente em função das reservas para devedores duvidosos: "O que transparece dessa situação é que os bancos não foram prejudicados com a moratória brasileira".

Para o executivo, "isso fortalece as instituições na hora da negociação, embora ninguém esteja a fim de um confronto. Mas a boa colocação dessas ações é uma demonstração de que, para o público-alvo (o mercado interno americano), esses bancos não estão combalidos.

Esta opinião vai de encontro às recentes declarações do ex-Presidente do Federal Reserve (o Banco Central americano), Paul Volcker, de que, ao fazerem reservas contra perdas, os bancos revelaram falta de realismo político em questões de mercado.

De qualquer forma, para esse executivo a posição desses bancos no mercado financeiro dos Estados Unidos, junto com a suspensão do pagamento dos juros da dívida externa, tornam inviável qualquer acordo mais longo nesse momento.